

REVELAÇÕES SOBRE UM TEMPO DE TÉDIO

Sérgio Luis Braghini

Psicanalista, Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP, Professor do Curso de Pós-Graduação em Sociopsicologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo
E-mail: sergiobraghini@yahoo.com.br

Resumo: O artigo trata, a partir do filme *Revelações*, baseado no romance homônimo de Philip Roth *A marca humana*, considerações sobre o contemporâneo que, ao pretender suprimir a diferença sob o rótulo do politicamente correto, gesta uma realidade mais intolerante. A tese é que tal realidade violenta é gestada nos momentos de tédio, tão almejados pela homeostase pulsional. O discurso politicamente correto traz essa fantasia de pureza, mas é obsceno, pois tenta suprimir a diferença absoluta pela santidade fingida. O filme retratando o momento político-social norte-americano durante o escândalo Clinton-Lewinsky, é o retrato do longo tédio que o neoliberalismo impõe como nova ordem social. Tal tédio é pensado com a tentativa de fazer o Um englobante, que arma um cenário que conjuga o cansaço da vida com o obsceno. Tal sentimento já fora identificado por George Steiner ao analisar o horror dos atos de guerra no século XX, que teriam sido gestados durante o século anterior. O aborrecimento do século XIX foi gestado durante os séculos turbulentos representados pela revolução francesa, fenômeno histórico que influenciou nosso social com o parlamentarismo, o comunismo e até o nacional-socialismo. Não só pelo tumulto como também como um novo modo de vida operado por uma nova classe social no poder, e que cria uma nova junção entre o imaginário e o simbólico. Logo após esse momento de turbulência, um grande tédio, mas que dentro de sua contradição gestou em seu seio uma crítica “nervosa”, e por isso a modernidade pode ser considerada neurótica. Uma nova combinatória erótica em que o declínio da imago paterna provoca. Mas os momentos turbulentos do advento da segunda guerra mundial parecem ter de novo possibilitado um grande momento de fastio, culminado no novo arranjo do modo de produção capitalista, o neoliberalismo. Uma nova erótica, uma mutação que faz passar uma economia organizada pelo recalque para uma economia organizada pelo gozo. Um novo tédio se organiza pela falta de utopia, onde não há possibilidade de separação de objeto.

Palavras-chave: psicanálise; neoliberalismo; sociedade do tédio.

Abstract: Based on Philip Roth's *The Human Stain*, this piece starts with a movie of the same name to consider modern-day life that, when intending to suppress the difference under the guise of what is politically correct, gestates a reality that is more intolerant. It is theorized that such violent reality is devised in moments of boredom, which is so much desired by the homeostasis of drive. Politically correct discourse shows this fantasy of purity, but it is obscene, since it attempts to suppress absolute difference in favor of a make-believe holier-than-thou superiority. The movie, which depicts the American social and political moment during the Monica Lewinsky scandal, is the portrait of the long tedium that neoliberalism imposes as the new social order. Such tedium is designed to be the all-encompassing One, which sets the stage for combining *l'ennui* with the obscene. This feeling was already identified by George Steiner when he analyzed the horror of the acts of war in the 20th Century, which were supposedly incubated throughout the previous century. The boredom of the 19th Century was gestated during the turbulent centuries leading up to the French Revolution, a historical phenomenon that influenced our society with Parliamentarism, Communism, and National Socialism, not just by the uproar, but also by a new way of life that was operated by a new social class in power, which created a new junction between the imaginary and the symbolic. Soon after this moment of turbulence, there was a vast boredom that, in its contradiction, entailed an "angry" critique. This is why modernity can be considered neurotic. This is about a new erotic combination that the father imago's decline brings about, since it ceases to make an impact. But turbulent times, with the coming of the World War II, seem to have made it impossible for a new great moment of bore to happen anew, thus culminating in the new configuration of the capitalist mode of production: neoliberalism. This is a new erotica, a change that makes an economy organized around repression become one that is organized around *la jouissance*. A new tedium is organized because of the lack of utopia, since there is no possibility of separating the object.

Keywords: psychoanalysis; neoliberalism; society of tedium.

Nós deixamos uma marca, uma trilha, um vestígio. Impureza, crueldade, maus-tratos, erros, excrementos, esperma – não tem jeito de não deixar. Não é uma questão de desobediência. Não tem nada a ver com graça nem salvação nem redenção. Está em todo mundo. Por dentro. Inerente. Definidora. A marca que está lá antes do seu sinal. Mesmo sem nenhum sinal ela está lá. A marca é tão intrínseca que não precisa de sinal. A marca que precede a desobediência, que abrange a desobediência e confunde qualquer explicação e qualquer entendimento. Por isso toda essa purificação é uma piada. E uma piada grotesca ainda por cima. A fantasia da pureza é um horror. É uma loucura. Porque essa busca da purificação não passa de mais impureza.

(Philip Roth, *A marca humana*, p. 308)

A tentativa de purificação que acompanhou o discurso neoliberal, principalmente sua faceta conhecida como politicamente correta, fez-me recordar o comentário de Roth (2002) sobre a fantasia de pureza. Mas é do filme baseado em sua obra, mais especificamente um comentário inserido nele que impulsionou este escrito.

É também o momento de render agradecimentos a um colega que há muito me inspirou a seguir o caminho trilhado por Freud e Lacan, o psicanalista argentino Carlos Quiroga

O filme *The Human Stain*,¹ no Brasil lançado com o título *Revelações*, é baseado no romance *The human stain* (no Brasil, *A marca humana*), de Philip Roth (2002). O livro, segundo a editora, encerra a trilogia dedicada à América, que teve início com *Pastoral americana* (1998), e passou por *Casei com um comunista* (2000).

Ambientado em 1998, quando o EUA estava imerso no escândalo Clinton-Lewinsky,² *Revelações* é uma jornada que mostra (revela?) os papéis de identidade, raça e preconceito, brutalidade e ternura moldados pela psique estadunidense.

O que tomo para este ensaio se passa no início do filme. As imagens iniciais mostram um par de homens andando por um *campus* universitário, em uma conversa sobre o escândalo Clinton-Levinsky, dizendo que tal escândalo seria diferente à época de Kennedy e Nixon e, com uma voz em *off* dizendo: “1998 foi o verão da santidade fingida. Depois da queda do comunismo e antes dos horrores do terrorismo, houve um interlúdio em que a nação se preocupou com as baixarias”.

Época áurea das teses neoliberais implementadas na década de 80, e da perseguição pela pureza refletida nas frases politicamente corretas. Implantação da nova definição para as enfermidades mentais, doravante denominadas transtornos, pretendendo ser atórica, e reforçada por um modelo psicoterápico em que à fala não cabe ambiguidades.

A “banalização do mal” (ARENDDT, 1999) fora substituída pela “banalização da injustiça social” (DEJOURS, 2007) e a “vida nua” sai da estrutura do discurso jurídico

1 Título Original: *The Human Stain*, com Direção de Robert Benton, ano 2003, com uma produção LAKESHORE ENTERTAINMENT e STONE VILLAGE Associados a CINERENTA-CINEEPSILON, dos países Alemanha, França, Estados Unidos, com participação no Elenco de Anthony Hopkins, Nicole Kidman, Ed Harris, Gary Sinise, Wentworth Miller, Jacinda Barrett, Anna Deavere Smith, Harry J. Lennix, Clark Gregg, Kerry Washington

2 Chamado de escândalo político sexual foi o relacionamento nos EUA entre o presidente norte-americano de 1993 a 2001, Bill Clinton, e uma estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky, de 22 anos.

para fazer parte do cotidiano da cidade.³ Se acompanharmos as teses de Agamben (2002), podemos ver a tentativa de suprimir a diferença, a exceção, impossibilidade lógica que substitui o elemento excluído pela aparência de completude. O terrorífico dessa conceituação está em sua tese em que tua crueza deixou de ser exceção para ser regra. Qualquer semelhança com o imaginário narcísico não é mera coincidência.

A questão é quais as possíveis consequências dessa forma de organização do laço social.

George Steiner (1991), em *No Castelo do Barba Azul: ensaios para uma redefinição de cultura*, desenvolve no primeiro capítulo, que ele nomeou “O grande ennuí”, as teses para as manifestações de barbárie no século XX: “minha tese é que certas origens específicas do inumano, das crises de nosso próprio tempo que obrigam a uma redefinição da cultura, devem ser encontradas na longa paz do século XIX e no coração da complexa trama da civilização” (p. 19), diz ele.

A questão que trago, sabendo agora da recente barbárie provocada em nome da civilização ocidental pelo governo sucessor de Bill Clinton, é se as sociedades que vivem um *ennui*, uma sociedade no tédio, acabam por armar um cenário, uma conjunção entre o cansaço da vida e o obscuro. Ao achatar o tempo do sujeito, a sociedade o conduz ao Um englobante, que analogamente Steiner chama de “entropia” (p. 20).

Podemos ler aqui, lembrando Michel Foucault (2007) em *História da sexualidade*, que a violência assassina, própria do complexo disciplinário das sociedades do saber do século XX, seria consequência de uma acumulação entrópica em que tenta ignorar o ódio e rechaçar a morte da economia subjetiva?

Para Foucault, isso permitiu a manipulação do saber, de forma a torná-lo cada vez mais independente de qualquer relação com a verdade.

Para o psicanalista francês Jacques Lacan, contemporâneo e influenciado pelas idéias de Foucault e Alexandre Koyré (ROUDINESCO, 1994), tal procedimento já estava nas teses do método cartesiano. Diz o psicanalista:

O caminho de Descartes não é um caminho de verdade, o que o assinala, e que nunca mais tem sido articulado como tal, e o que faz sua fecundidade, é justamente que se propõe um olhar, um fim, que é o da certeza, porém que para o que é verdade se descarregue disso sobre o Outro, o grande Outro, sobre Deus para dizê-lo tudo. Não há nenhuma necessidade

3 Vida nua, tradução do grego *Zoé* que Giorgio Agamben (2002) desenvolve em seu trabalho *Homo Sacer*. Associao aqui as mortes de sete mendigos em São Paulo em agosto de 2004.

interna da verdade. A verdade mesma de dois e dois são quatro é a verdade porque a situa Deus que isto seja assim. É essa recusa da verdade fora da dialética do sujeito e do saber, que é, falando propriamente, o nervo da fecundidade, da marcha cartesiana, (...) por se desembaraçar disso, a via aberta às ciências entra e progride, institui um saber que não tem mais que se embaraçar com a verdade. (...). Eu chamarei a esse saber anterior a Descartes, um estado pré-acumulativo do saber; a partir de Descartes, o saber, aquele da ciência se constitui sobre o modo de produção de saber. (LACAN, 1965)

Mas, além desse passo, há algo mais que ocorre quando – ao seguirmos as teses de Lacan – o saber da ciência se constitui sobre uma acumulação de saber: o discurso da ciência se encontra com o discurso do capital. Lacan, no seminário citado, afirma que o capitalismo – entre outras razões – se articula a partir da acumulação do capital na relação com o sujeito cartesiano “a esse ser que se afirma ali, que está fundado sobre a acumulação do saber” (ibid.).

Seguindo Lacan, o encontro, desse laço entre o discurso da ciência e do capitalismo, poderia produzir – entre outros fatores, é claro – um *grand ennui*.

Se tomarmos como referência os três fenômenos histórico-políticos cruciais do último século, o parlamentarismo, o comunismo e o fascismo nacional-socialista, veremos que todos têm, de alguma maneira, referência à Revolução Francesa, acontecimento fundamental da Era da Razão.

Em qualquer livro sério de história podemos observar que a Revolução Francesa constituiu um verdadeiro acontecimento, não só pela agitação e tumulto que gerou, senão pelo fato de ter interferido de um modo decisivo nas esferas da vida consideradas normalmente como privadas

O espírito público constituiu uma verdadeira desprivatização do hábito, a ponto de afetar a indumentária e os hábitos de alimentação e linguagem, como nos mostra Norbert Elias (1994).

Para George Steiner (1991), tal invasão do público no privado e a politização da vida cotidiana talvez sejam as responsáveis pela maior delimitação do espaço privado do século XIX, com o retraimento romântico e com a instalação da família num espaço doméstico bem definido.

Então, podemos dizer que a Revolução Francesa foi um acontecimento⁴ por incidir como ruptura na junção do imaginário e do simbólico que sustentava a realidade. Uma incidência que precisará criar novos cenários, novo arranjo do imaginário e do simbólico, para a fantasia se servir.

Porém, se a Revolução Francesa ficou marcada pelo o signo do entusiasmo, a agitação e o terror, o século seguinte, o XIX, agora com o advento da pequena burguesia na direção política, e as orientações do protestantismo, podemos seguir Steiner e argumentar que tal século ficou marcado sob o signo do *gran ennui*.

Essa passagem do entusiasmo da agitação ao século do tédio lavra a ata de falecimento do amo antigo, e a instauração de um outro senhor, que Lacan (1971) identificou como ainda mais feroz:

As Luzes tinham por finalidade enunciar um saber que não fosse homenagem a nenhum poder. Porém lamentamos ter que constatar que os que se dedicaram a esse assunto estavam um pouco demasiado em posição de valete em relação a certo tipo, devo dizer bastante feliz e florescente amo, os nobres da época, para que tivessem podido culminar em outra coisa o que nesta famosa Revolução Francesa que teve o resultado que conhecemos, a saber, a instauração de uma raça de amo mais feroz que tudo o que se havia visto até então.

Os vimos nos acontecimentos históricos, tais como os campos de extermínio em massa, os gulags, o burocrata-tecnicista.

A Revolução Francesa, com a agitação e o cansaço (afinal, tantas foram as revoltas dentro dela mesma), também criou o privado, o secreto, o íntimo e o isolamento. Talvez

4 Aqui, nos termos de Alain Badiou, segundo Carlos Vidal (2009): “O acontecimento tem três ou quatro premissas: em primeiro lugar, ele irrompe numa situação (que se supunha estável) de forma inédita, sem pré-aviso, sem data e imprevisivelmente. O seu caráter inédito afasta-o de ser entendido pelo conhecimento, que nunca o pode explicar nem pode explicar a razão de ser dessa súbita, inesperada e efêmera irrupção de algo que não se sabe o que é numa situação determinada (um país, uma cidade, uma relação entre duas pessoas, etc.). As razões pelas quais ele não pode ser explicado estão no fato do seu ineditismo e num outro pormenor: o acontecimento é constituído por “pedaços” da situação (anterior), logo começa por ser indiscernível. Mas perante algo que se move, diremos: algo sucede, não sei o que é, mas a isso sou fiel. Portanto, é o sujeito quem decide da sua fidelidade ou não ao acontecimento que ele não entende, nem tem razão sólida para a ele aderir – trata-se aqui de um processo de liberdade de decisão que em muito ultrapassa a democracia formal, sem dúvida, em minha opinião. Aderindo ao acontecimento, o sujeito adere àquilo que não sabe como vai acabar, tem de se disponibilizar para o imprevisível. É como dizer “avançamos e depois logo se vê”, de novo uma liberdade que nos compensa mais que qualquer representatividade”. Disponível em: <http://letradesforma.blogs.sapo.pt/32816.html>, acessado em 20 de julho de 2009.

por isso produziu-se uma operação de clausura que determinou posteriormente um laço social conformista, engolido por uma espécie de naturalismo que acumulou, de sua aparente passividade, a semente de uma enlouquecedora destruição.

Eis aí, a meu ver, o apego ao sossego das leis do progresso e da evolução, nas leituras de Augusto Comte e Charles Darwin. Porém, arrisco a dizer que a cada solicitação comteana, um romântico surgia em sua resposta. Assim vimos surgir as obras de Karl Marx, Sigmund Freud, Baudelaire, para citar alguns. Autores que nascidos na modernidade, vêm questioná-la em seu próprio seio

O filósofo Danny-Robert Dufour (2005) sustenta que essa “modernidade”, que em sua contradição propiciou o trabalho desses autores, fôra neurótica, pois o neurótico – por estar enquistado em sua repetição – constitui o melhor incitador à crítica que existe: “a neurose é muito simplesmente exuberante no tempo da modernidade porque a dívida para com o Outro, presente sob suas diferentes figuras, nela é multi-forme” (p. 56).

Nesse contexto de bucólica passividade, o fim do “nervosismo”, pelo que de mal-estar arrasta, parece ser uma resposta a ordem sexual sustentada no privado, no secreto, no isolamento romântico e no encerramento perverso.

Não é por acaso que os cenários em que se desenvolvem as tramas sadeanas são em castelos fechados ao exterior, no qual a perversidade se desenvolve amparada na impossibilidade de expulsão.

Mas a combinatória erótica dessa pretensão holística será o aborrecimento.

Ao lermos o que Freud (1908/1980) escreve em seu ensaio, no início do século XX, sobre *A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna*, podemos ver que a acumulação entrópica faz fracassar a sublimação como Ideal, assim como o ideal prototípico da dupla moral vitoriana e o ideal do parceiro. Por isso, Freud não sustentará o ideal sexual burguês da época.⁵

Vemos nesse texto os apontamentos que derivarão depois, principalmente, no desenvolvimento da noção de pulsão de morte, no *Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1930/1980), na qual questionará os ideais bucólicos rousseanianos.

Freud, seguindo a Empédocles – como lembrará Lacan (1972-73/2008) em seu *Seminário 20* –, sustenta que não existe maior ignorante que aquele que ignora o ódio.

5 Remeto a Peter Gay (1998) um interessante estudo histórico sobre essa época.

E se o século XIX se amparou na repressão burguesa do ódio, dali o advento do tédio. Podemos pensar, então, que o tédio se inscreve nesse plano do ser que encontra a ignorância como paixão de seu fundamento.⁶

A ignorância como fracasso do saber, quer apontar Lacan, não é o mesmo que o fracasso no saber, já que para ele qualquer discurso que supõe uma subversão e não por isso uma revolução, produz pelo saber mesmo que articula um fracasso no saber.

É a ignorância então como fracasso do saber o que constitui o inexplicável. O inexplicável é uma afecção do necessário, já que posto em jogo o necessário não há inexplicável que valha.

O necessário no discurso de Lacan depende da negação que ele anota “*ex-phi*”. A partir das teses freudianas sobre o Pai, há Um ao menos que diz que não. Isto é que sustenta Lacan (1971) durante seu seminário em Saint Anne, *O saber do psicanalista*. Existe ao-menos-um em que se sustenta a função ímpar, *in-pater*, remetendo-se à função da castração.

Ele avança aí ainda mais na questão que havia escrito em *Os Complexos familiares* (LACAN, 1938/2003) na formação do indivíduo, publicado na *Encyclopédie Française* em 1938, em que já denunciava o declínio da imago paterna, e que tal constitui uma crise psicológica, que talvez tenha relação com o aparecimento da psicanálise. Não sem antes alertar que: “não somos daqueles que se afligem com um pretense relaxamento do laço familiar” (p. 66).

Ao retomar esse tema nos anos 1972, durante as aulas no seminário de Saint Anne, ele dirá que por certo há uma crise: o *pater* já não nos impacta, não é capaz de provocar um acontecimento, sendo essa a única função verdadeiramente decisiva do pai. Se o pai já não impacta a família, porventura haverá outros que impactarão.

Não seria então o pai como legislador, administrador da vida e dos serviços dos bens, o pai que sabe tudo do que há que saber para não saber nada da verdade?⁷

6 É só no plano do ser que Lacan (1953-54/1979) diz se desenvolvem as três paixões fundamentais: amor, ódio e ignorância (“(...) só na dimensão do ser, e não na do real, podem inscrever-se as três paixões fundamentais: na união entre o simbólico e o imaginário, essa ruptura, essa aresta que se chama o amor; na união entre o imaginário e o real, o ódio; na união entre o real e o simbólico, a ignorância” (p. 308-309).

7 Podemos lembrar aqui o caso do Presidente Schreber, cujo relato de suas memórias permitiu a Freud (1911/1972) estudar e publicar sobre o caso.

O declínio da função social da imago paterna, somado ao enfraquecimento da experiência compartilhada e o isolamento parecem impulsionar um novo modo de arranjo social.

O pai que não impacta é o que não proíbe com sua interdição ao Gozo do Outro. A figura do pai morto, o nome-do-pai, que censure e faça o jogo da repressão, agora longe de proibir sustenta os espaços incestuosos da *mimesis*.⁸

Na observação do psicanalista Charles Melman (2003), produz-se assim uma nova economia psíquica, uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo.

Minha tese é que o tédio se desenvolve nesse espaço mimético e o tempo que transcorre não é o tempo do sujeito, senão o tempo do Outro. O sujeito aprisionado a um gozo mortífero – sem sobressaltos – conserva sua inocência⁹ em um achatamento de seu tempo. Fora de seu tempo se somam em viver mortos no sonho do Outro.

O sujeito subsumido no tédio carece de paixões porque sua falta de paixão é sua paixão. Falta-lhe tempo porque seu tempo é da eternização e desaceleração do tempo que sobrevém ao desespero. Em suma, o sujeito tedioso resulta naquele que tenta sustentar sua inocência na nostalgia de tempos passados, porque o tédio sempre advém como uma tristeza, como um fim do feitiço. Uma queda da coerência perdida, de um centro reitor do qual extrair uma autoridade que nos livre de nossa responsabilidade de órfãos.

O tédio é um cansaço que vem de uma covardia própria do sujeito a respeito do Real. Não há dor no tédio, é, mais, uma tranquila tristeza.

Como não notar aí uma das causas do aumento de consumo de antidepressivos no Brasil e em outros países do mundo?^{10,11}

8 Hanna Arendt em *Entre o passado e o futuro* escreve que a modernidade é uma herança sem testamento e também que os adultos se recusam a serem autoridades. Penso que não podem suportar o ódio a que os adultos são endereçados.

9 Remeto aqui ao ensaio de Pascal Bruckner (1997), *A tentação da inocência*.

10 “Tem havido um uso exagerado de antidepressivos (...). O Cebrid recebeu no ano passado um levantamento de algumas vigilâncias sanitárias estaduais sobre o consumo de antidepressivos. Em Florianópolis (SC) e Ribeirão Preto (SP), por exemplo, os antidepressivos foram as drogas mais vendidas pelas farmácias de manipulação, chamadas magistrais.” Elisaldo Carlini, integrante da Jife e diretor do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid). <http://www.radiobras.gov.br/abrn/brasilagora/materia.phtml?materia=257654>, de 26 de junho de 2009;

11 “A venda de antidepressivos em Portugal tem vindo a aumentar nos últimos anos. Segundo dados do Instituto da Farmácia e do Medicamento (Infarmed), a comercialização destes fármacos no mercado ambulatório do Serviço Nacional de Saúde atingiu os 78 milhões de euros, disparando para mais de 89 milhões em 2001.

Freud pôde escrever sobre a tristeza em vários textos, principalmente os próximos à Primeira Guerra Mundial: *Reflexões para os tempos de Guerra e morte* (1915/1980), *Sobre a transitoriedade* (1916/1980), *Luto e Melancolia* (1917/1980), mas em seu texto posterior, *Inibições, Sintoma e Ansiedade* (1926/1980), articula angústia, dor e tristeza à função do tempo e do saber.

Partindo de uma situação da localização de uma pessoa estranha no lugar da mãe, Freud (1926/1980) articula a angústia e a dor como coladas, na criança lactente, à perda do objeto. Frente a uma pessoa estranha,

A angústia do lactante não oferece por certo dúvida alguma, porém a expressão do rosto e a reação de choro fazem supor que sente dor. Parece que nele caminhará junto algo que logo se dividirá. Ainda não pode diferenciar a ausência temporária da perda duradoura. (...) A mãe faz amadurecer esse discernimento tão importante para ele. (...) Desse modo pode sentir, por assim dizer, uma ignorância não acompanhada da perda de percepção, que se equipara à da perda do objeto. Todavia não conta uma perda de amor. Mais tarde a experiência ensina que o objeto permanece presente, porém pode colocar-se mal para a criança, e então a perda de amor por parte do objeto se converte em um novo perigo e nova condição de angústia mais permanentes. (p. 195)

Angústia e dor juntos no começo. E essa colagem se corresponde com um tempo em que não se discrimina a ausência temporal como definitiva. Este tempo é um tempo anterior à construção de objeto em sua permanência. O objeto materno, diz Freud, não se tem construído ainda. É um tempo em que deveríamos situar a agitação catastrófica, o desespero. É o jogo de aparecer e desaparecer que realiza a mãe, o que permite experimentar uma ligação da mãe não acompanhada por um desespero.

Então, antes da construção do objeto em sua permanência, em seu permanecer existente, a situação não é perigosa senão que se volta traumática, a causa de um erro de interpretação. Este erro vem do fato de que a imagem do objeto e o objeto são um só, e a perda da percepção é equiparada à perda do objeto.

O objeto pode permanecer existente então quando o jogo de presença e ausência tem feito seu trabalho – que é o do significante – de substituição. Um objeto tem se substituído a outro e discriminado a imagem do objeto.

No ano seguinte, o consumo continuou a crescer, alcançando os 90 milhões e meio de euros. Os últimos dados reportam-se ao ano de 2003, onde as vendas de antidepressivos em farmácias subiu para 96 milhões de euros.” *Diário de Notícias*, Portugal, disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=597294

A dor agora separada da angústia é dor ante a perda do objeto ligado ao amor e a angústia vem de um sinal de perigo de dita perda. A intensidade da dor depende da intensidade de carga e da união de objeto. Seu efeito é agora sobre o Eu, já que a dor esvazia o Eu, já o dizia em *Luto e Melancolia*.

A tristeza vem do trabalho de separação, na qual o juízo sanciona que o objeto não existe mais. Não que já não existe, mas que não existe já. Ponto de corte, de esvaziamento do eu.

Mas quando a percepção é de que ele já não existe, inverte a temporalidade do corte e parece corresponder-se com os momentos tediosos, momentos de queda mais que de corte. Momento de decepção que sobrevém ao fetiche e faz aparecer no mesmo lugar do que foi causa, o obsceno.

A queda do enamoramento ou a declinação da excitação sexual que também funciona como véu narcísico podem ter essa resolução de aparição no ponto de angústia ao enfrentar o vazio ou também o asco, a humilhação e o remorso. Isto no neurótico, no perverso isso toma outra forma. No ponto do qual aparece a censura neurótica, o perverso sai adiante realizando uma montagem pela qual crê triunfar sobre a que todos nos antecipa: a perda desse objeto. Não que o perverso não sinta o mesmo asco que o neurótico, senão que avança um passo mais, sente asco e então come o excremento.

Nesta perspectiva, tanto o tédio como o fanatismo são modos de recusa do amor enquanto vazio da causa.

Acaso não são os cenários perversos do fantasma os que fazem relação dessa impossibilidade?

A questão é até que ponto o discurso neoliberal, ao impor sua lógica nos anos 80 até o esfacelamento das instituições financeiras dos anos recentes – e que mostra não perder seu vigor – com sua insistência na morte das grandes narrativas, de um discurso que não outro que o do capital, gestou uma nova forma de grande *ennui*, deixando os sujeitos sem nenhuma utopia (visão de um mundo novo) a seguir?

Ao lermos a opinião do psicanalista francês Sztulman (2009) no *Le Monde*, vemos suas consequências:

Se eu não puder me construir no seio de uma realidade que simultaneamente ilude e me escapa, não sou capaz de entender o princípio e me apropriar; só me resta o prazer, o gozo ilusório, perigoso, mortal “de uma só vez”, tão bem explorados pelo *merchandising* e

operações e virtualização de transações. Uma sociedade que reduz o espírito à matéria, que trata sujeitos como objetos comercializáveis, o desejo como uma necessidade, só pode reenviar cada um ao seu lado escuro e escondido, ao negativo que a todos nos habita.

Mas se vemos no tédio a força de *Thanatos* – pulsão de morte –, a crise, segundo o psicanalista, pode ser uma chance, pois o conflito é consubstancialmente ligado à vida, à *Eros* – pulsão de vida. Em suas palavras:

É uma ocasião de desencarcerar o mundo do modelo monstruoso em que ainda vivemos. Um mundo onde o sujeito, cidadão, filho do século das Luzes, desapareceria em favor dos homens comportamental, neuroeconômico, mensurável e medido, formatado e “previsível”. Um mundo onde o espírito arquia à impostura de um pensamento dominante marcado pelo conservadorismo, o cientificismo, a mercantilização da pessoa.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio (2002). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG.
- ARENDT, Hanna (1999). *Eichman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2000). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- BRUCKNER, Pascal (1997). *A tentação da inocência*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DEJOURS, Christophe (2007). *A banalização da injustiça social*. São Paulo: Ed. FGV.
- DUFOUR, Danny-Robert (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- ELIAS, Norbert (1994). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FOUCAULT, Michel (2007). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- FREUD, Sigmund (1908/1980). A moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX.
- _____ (1911/1972). Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII.
- _____ (1915/1980). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV.
- _____ (1916/1980). Sobre a transitoriedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV.
- _____ (1917/1980). Luto e Melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV.

- FREUD, Sigmund (1926/1980). Inibição, Sintoma e Ansiedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XX.
- _____ (1930/1980). Mal estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, vol XXI.
- GAY, Peter (1998). *A experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LACAN, Jacques (1938/2003). Os Complexos familiares. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1953-1954/1979). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1965). *O Seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (aula de 10 de junho de 1965). Inédito. A versão é de Ricardo E. Rodríguez Ponte, realizada para a Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- _____ (1971). *O saber do psicanalista, aulas em Saint-Anne* (aula de 4 de novembro de 1971). Inédito. ENAPSI – Entidad de Acción Psicoanalítica. Versão da Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- _____ (1972-1973/2008). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda....* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MELMAN, Charles (2003). *O Homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- REVELAÇÕES (2003). Título original: The Human Stain. Direção de Robert Benton. Produção de Lakeshore Entertainment e Stone Village Associados a Cinerenta-Cinepsilon. Alemanha, França, Estados Unidos
- ROTH, Philip (1998). *Pastoral americana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2000). *Casei com um comunista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2002). *A marca humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROUDINESCO, Elisabeth (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- STEINER, George (1991). *No Castelo do Barba Azul: ensaios para uma redefinição de cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SZTULMAN, Henri (2009). L'avenir d'une désillusion. *Le Monde*, Paris, 27 fev. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalle3.asp?ID_RESENHA=551621>. Acesso em: 12 ago. 2009.
- VIDAL, Carlos (2009). *Badiou: que totalitarismo?* Disponível em: <<http://letradeforma.blogs.sapo.pt/32816.html>>. Acesso em: 28 ago.

Recebido em 10/12/2009; Aprovado em 8/2/2010.